



ENTRE IMAGENS E TEXTOS: DISCURSOS SOBRE MULHERES AMERICANAS E ESPANHOLAS

Edméia Ribeiro¹

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*² constitui-se numa obra fecunda em imagens, discursos e concepções sobre Espanha - e respectivos espaços colonizados por ela - na segunda metade do século XIX.³ O *costumbrismo*, como estética artística, aplacou o caráter político da sua concepção, versando sobre o cotidiano, hábitos, costumes, práticas, vestimentas, características físicas e moral de mulheres em múltiplos espaços territoriais. O hispanismo, baseado na idéia do espírito espanhol e experiências comuns, trouxe à cena a postura ideológica do editor e colaboradores, e contribuiu para referendar e reforçar a crença na magnitude cultural e civilizacional espanhola, em detrimento da perda dos poderes econômico, político e territorial.

A outra faceta da manifestação discursiva da obra encontra-se na sua temática. As representações ali encontradas remetem a uma paisagem social formada por mulheres. A concepção e execução são masculinas - incluindo o conteúdo dos discursos -, mas são personagens femininos que ilustram os volumes textuais e o iconográfico.

Os discursos sobre a mulher que surgem no século XIX versam sobre sua beleza física e moral e sua imprescindibilidade para a espécie humana. A literatura e as artes plásticas deleitaram-se por longo tempo com a imagem da mulher como objeto, tomada como tema por excelência. Transformadas em símbolos, lembram Michelle Perrot e Geneviève Fraisse, constituíram-se em “(...) musas das belas-artes, ilustrações, personagens de romance e gravuras de moda, reflexo ou espelho do outro, [como] dizem os filósofos.”⁴ O positivismo, tratando do aspecto social e moral da mulher, também se utilizou da figura feminina para simbolizar e disseminar um sistema de interpretação de mundo, justificado pelo seu caráter altruísta. Para a perspectiva positivista a

¹ Docente do Departamento de História da UEL - Universidade Estadual de Londrina e doutora pela UNESP - Universidade Estadual Paulista/Campus de Assis.

² GUIJARRO, Miguel (editor). **Las Mujeres españolas, portuguesas y americanas**. Madrid imprenta y librería de D. Miguel Guijarro, 1872. Tomos I, II e III.

³ A obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, concebida e editada por Miguel Guijarro, insere-se no período de massificação das produções ilustradas na Espanha. Livro extenso e pomposo – três volumes com boa qualidade gráfica, material luxuoso e cromolitografias de mulheres cuidadosamente caracterizadas -, marca pela sua pretensão, tanto em relação ao conteúdo – exuberância e glória da nação – como também pela forma como foi concebido, elaborado e editado.

⁴ FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991. 4º Vol. p. 14.



existência feminina vincula-se ao outro, sendo a mulher elevada como mãe, esposa e filha e representa aquela que desperta e desenvolve sentimentos generosos nos homens.

Determinadas as diferenças e delimitados os seus espaços de ação – para a mulher o privado e para o homem o público – e função social de cada um - para o homem o trabalho e para a mulher as ocupações no âmbito doméstico -, os discursos que aparecem em *Las mujeres...* são conformadores da importância social de cada sexo e, no tocante à mulher, não buscam depreciá-las. Em termos comparativos, nos discursos e representações as mulheres são exaltadas, idealizadas e consideradas necessárias para o complexo cenário social e nacional.

A importância atribuída restringe-as ao espaço privado, à exterioridade, à capacidade emocional no lugar da intelectual, à submissão, altruísmo e desprendimento. A responsabilidade feminina, nos argumentos dos literatos que colaboraram com os volumes de *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* que apresentaram províncias na Espanha, é, principalmente, para com o futuro, o devir: novos indivíduos bem educados, heróis e construtores de uma nova sociedade. Quanto ao que lhes resta como importante para o presente está o cuidado: para consigo, com sua beleza, sua alma, sua honra e a da família, para com seus pais, filhos, companheiros e os necessitados. Amor, altruísmo e abnegação são os atributos que as definem e sublimam.

As narrações que apresentam as mulheres espanholas representam-nas idealizadas, perfeitas e enaltecidas, à imagem e semelhança da Virgem Maria e em conformidade com as concepções sobre o “ser feminino” presente nos imaginários sociais deste século. A coleção aqui estudada, além do significado político, edifica uma ode à mulher; ficam ausentes do quadro “desenhado” as mulheres indesejadas, párias, incompatíveis com os padrões e normas estabelecidos, ideal de beleza e caráter moral.

Podem-se divisar três categorias ou formas de representação nas análises feitas pelos literatos. Uma delas refere-se à definição da mulher no seio da humanidade, à sua concretude; a outra diz respeito ao caráter poético, romântico e moral atribuído à existência das mulheres – beleza, imprescindibilidade, conduta, entre outros; e, por último, a definição e atribuição dos valores, papéis, funções e atributos sociais. Nas formas pelas quais foram desveladas – consideradas suas singularidades - em todas são evidenciadas como necessárias e importantes para a construção e condução dos espaços nacionais.



“Formosa metade do gênero humano”

A idéia de que a parcela feminina da humanidade sobressai pela beleza e formosura e está para o encanto e admiração dos homens é recorrente nos discursos dos literatos que contribuíram com os volumes de textos sobre a mulher espanhola. São comumente evocadas expressões como formosa metade do gênero humano; mais bela metade do gênero humano; parte mais bela dos habitantes; belo e frágil sexo; *las hijas de Eva*; bela metade do homem; flores para adornar o jardim da vida do homem; metade do gênero humano destinada a embelezá-lo e dirigir o homem pelo caminho da vida; “(...) *la cara mitad del linaje humano* (...)” e “(...) *precioso puñado de barro en el que há infundido Dios* (...) *el soplo inmortal de su divina esencia*”;⁵ formosa metade do gênero humano e fonte de todos os males e todos os bens; o homem é o mundo e a mulher o seu céu; anjo da família sem o qual o homem não seria nada; arremate da obra de Deus e representação da história da humanidade; metade mais frágil, delicada, digna de consideração e respeito, entre outras.⁶ Leopoldo Augusto de Cueto, literato que escreve *La mujer de Guipuzcoa*, define-a em quatro palavras que, segundo ele, caracterizam-se na forma mais bela de significá-las: imaginação, razão, sensibilidade e fortaleza.⁷

Estas formas de referência às mulheres e sua existência revelam uma concepção e olhar masculino sobre o mundo, as relações sociais, o espaço e função determinados para cada um – homem e mulher – ocupar nele. Encontram-se nesta coleção narrações exemplares, que, além de criar um paradigma feminino, também se constituem em veículo disseminador de uma conduta moral e força reguladora dessa categoria social; colocam em evidência uma dupla moral sexual. No mesmo sentido, revelam a forma como essas personagens eram perscrutadas através do olhar e pensamento do outro, daqueles que publicizavam suas concepções, idéias e manipulavam o terreno das imaginações sociais.

Beleza, importância e caráter moral

A outra forma de evidenciar essas mulheres baseia-se na descrição do caráter físico e moral. As descrições através das exposições monográficas objetivam expressar e exaltar valores, bons hábitos morais e singularidades das respectivas mulheres que caracterizam as diversas regiões retratadas. Os adjetivos e atribuições se repetem em todos os escritores, oferecendo a dimensão do

⁵ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Murcia*, Tomo I.

⁶ Argumentos retirados dos textos dos literatos que participaram da composição dos tomos I e II da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

⁷ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Guipuzcoa*, Tomo I.



quão legítimas e arraigadas eram essas “concepções de qualidades” na sociedade espanhola oitocentista. Além de boas filhas, mães e esposas, são referenciadas como honradas, católicas, dignas, respeitadas, virtuosas, belas, perfeitas, altruístas, submissas, obedientes, abnegadas, prudentes, ternas, sensíveis, doces, enamoradas, caridosas, pacientes, inteligentes, responsáveis, fiéis, corajosas, patrióticas, íntegras, atraentes, sensuais, amantes, modestas, caseiras, compreensivas, amorosas, fortes, conformadas, vigorosas, puras, bondosas, heroínas, devotas, piedosas, exemplares, humildes, econômicas, compassivas e outros tantos atributos positivos.⁸

Os atributos acima, longe de colocar a mulher no centro das decisões dos rumos da humanidade – ou das sociedades –, dignificam-nas, mas excluem; criam ícones femininos, mas convertem-se em ação moral e reguladora. Elas permanecem, como definem Michelle Perrot e Geneviève Fraisse, “no plano da figura”, sempre conectadas e caracterizadas por uma imagem. Assim, tais atributos femininos caracterizam-se como signos e espelhos: conferem dignidade aos espaços nacionais espanhóis apresentados - pelas qualidades que representam simbolicamente – e refletem a potencialidade e caráter moral da nação em questão.

Maternidade, educação e transformação da sociedade

Além de idealizadas, elevadas e transformadas num vaso de flores raras enfeitando e perfumando a humanidade, os literatos, em seus discursos, desenham, discorrem e justificam os espaços e papéis definidos para as mulheres. As funções atribuídas a elas surgem nos discursos – e concepção da coleção - revestidas de importância fundamental para a fluência das sociedades e espaços nacionais, ancoradas na inerente capacidade feminina de gerar e no preceito de educar e formar indivíduos.⁹

Para delimitar espaços e funções - justificar uma dupla moral –, esses escritores utilizam da idéia da diferença entre homens e mulheres. Nas proposições de Antonio Trueba, a diferença foi definida pela natureza; Manuel Valcárcel vai além e argumenta dizendo que o grande fundamento da sociedade está nos homens que fazem as leis e as mulheres os costumes. A noção da mulher como sexo frágil aparece em vários autores, como em Antonio de los Rios y Rosas; Saturnino Estebán Collantes retifica tal argumento, dizendo que mulheres nascem frágeis e os homens, fortes; elas estão para o amor e voltam seus instintos para essa questão, idealizada pelo casamento.

⁸ Adjetivos retirados dos textos dos literatos que participaram da composição dos tomos I e II da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

⁹ Cabe lembrar que neste trabalho não se parte do princípio de que o cuidado e educação sejam inerentes à capacidade feminina, mas que são determinados socialmente como função da mulher. A noção de essência feminina, no campo desta pesquisa, refere-se à ideologia presente na coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.



Salustiano de Olózaga salienta que a mulher está mais para o sentimento do que para as palavras, enquanto Cesáreo Fernández Duro complementa essa observação, afirmando que a educação – diferenciada para homens e mulheres – é tratada com esmero, moral e profundamente religiosa, pois nas escolas, para as meninas, dá-se ênfase nos ensinamentos que exercitam as habilidades em trabalhos de utilidades e adornos – cimento para o futuro – em detrimento da gramática e aritmética ensinada aos meninos.¹⁰

Na mesma direção da desigualdade, a emancipação aparece como outra forma de definir e configurar o “ser feminino”. Esta idéia constitui-se em noção recorrente nas narrações desses literatos.

Uma das facetas do discurso religioso do século XIX apresenta a idéia de que a Igreja Católica foi responsável pela emancipação feminina.

Antes del cristianismo, la mujer estaba oprimida bajo la tiranía del varón, poco elevada sobre el rango de esclava; como débil que era, veíase condenada a ser la víctima del fuerte. Vino la religión cristiana, y con sus doctrinas de fraternidad en Jesucristo y de igualdad ante Dios, sin distinción de condiciones ni sexos, destruyó el mal en su raíz, enseñando al hombre que la mujer no debía ser su esclava, sino su compañera (...) así se convirtió el instrumento de placer en digna madre de familia, rodeada de la consideración y respecto de los hijos y dependientes.¹¹

A idéia de emancipação e valorização da mulher espanhola pela religião católica aparece em alguns colaboradores da coleção. Para Francisco Perez Echevarría, pelo cristianismo houve uma mudança no pensamento e concepção sobre a mulher, pois argumenta que esta passou do estado de coisa para a imprescindibilidade e influência nos destinos da humanidade.¹² Saturnino Estebán Collantes também reproduziu tal noção, afirmando que “*la mujer siempre há sido y será la mujer, sobre todo desde que dejó de ser cosa, desde su emancipación por el Cristianismo.*”¹³ A emancipação também foi assunto para José Muñoz Gavira y Maldonado, ao salientar que o cristianismo as colocou em igualdade com os homens e as libertou da opressão, noção que retomou no texto que produziu sobre *La mujer de Valladolid*, reiterando que a religião cristã presenteou a mulher com a emancipação e o respeito e deu-lhe o reconhecimento do direito de mãe e esposa.¹⁴

Outro ponto recorrente entre autores da coleção, os quais muitas vezes eram – além de literatos - pensadores e ativistas políticos, diz respeito à educação feminina. A problemática da educação remete aos projetos sociais e rumos da nação, ou seja, através dela vislumbra-se o futuro.

¹⁰ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Alava, La mujer de Ávila, La mujer de las Canarias, La mujer de Palencia, La mujer de Logroño e La mujer de Zamora*, respectivamente.

¹¹ AGUADO HICÓN, Ana Maria et.al. *Textos para la historia de las mujeres en España*. Madrid: Ediciones Cátedra, SA, 1994. p. 367. Discurso do Presbítero espanhol Jaime Balmes, em 1842.

¹² *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Albacete*. Tomo I.

¹³ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Palencia*. p. 273, Tomo II.

¹⁴ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Teruel e La mujer de Valladolid*, respectivamente.



Para isso dois aspectos são destacados como essenciais na e para a mulher e imbricam-se nos diferentes discursos: maternidade e educação.¹⁵

Convergindo com a concepção acima, revelam-se então, nos escritos dos literatos, a “intocável” designação feminina e suas derivações, qual seja, a maternidade.¹⁶ Pela possibilidade de gerar indivíduos, a mulher surge simbioticamente vinculada à educação, sociedade, pátria, nação e progresso. A expressão metonímica da mulher na coleção estudada tem na mulher-mãe a representação de maior valor simbólico. Como será possível perceber através das narrativas que as idealizam e as tomam como ícones, primordialmente pela fecundidade, as mulheres atribuem sentido a tudo que é novo: tipos sociais emergentes, sociedades em transformação, novas ideologias e conjunturas políticas e, conseqüentemente, novas configurações nacionais.

Em conformidade com tais concepções, Antonio de Trueba, em *La mujer de Alava*, destaca o sagrado destino da maternidade, associado à ocupação feminina: amar, rezar e trabalhar. Francisco Perez Echevarría relaciona *la mujer de Albacete* à pátria e à nação, alegando estar nela a glória da nação espanhola. Para este autor, o grande exemplo está em Isabel, A Católica. Eleutério Lofriu y Sagrera nutre especial admiração pelas mães considerando-as eixo e base da sociedade por entender que tudo passa por elas. Argumenta que a educação formal da mulher leva à transformação material do meio social, ao progresso, desenvolvimento, pois são elas produtoras de heróis.¹⁷ Em *La mujer de Almeria*, escrito por Antonio Alcalde Valladares, encontra-se o discurso do enobrecimento e elevação da mulher-mãe e o argumento de que cabe a elas a transformação e prosperidade futuras.

Angel Aviles parte do princípio de que a mulher é chamada a modificar o futuro da Espanha, sendo a educação feminina importante para a reorganização da sociedade: o futuro, para ele, está nas mãos dessa mulher educada. Para ele a família como âncora da sociedade e a capacidade de produzir heróis resumem-se no grande poder feminino. Aviles constrói um quadrinômio formador da nação: educação, sociedade, família e pátria, e, na coleção, constitui-se em outro autor que se

¹⁵ O portorriquenho Eugenio María de Hostos, em um discurso positivista sobre *la educación de la mujer*, defende a necessidade da educação científica da mulher como forma de atingir a igualdade **moral** entre homens e mulheres e de investimento no futuro eficaz das sociedades: (...) *madres que enseñen científicamente a sus hijos, ellas os darán una patria que obedezca virilmente a la razón*. DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *La mujer en el pensamiento latinoamericano del siglo XIX*. In: SAMARA, Eni Mesquita (org.). **As idéias e os números do gênero**: Argentina, Brasil e Chile no século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, CEDHAL/FFLCH-USP, Fundação Vitae, 1997. p. 228. Passagem de um discurso proferido em *la Academia de Bellas Letras de Santiago de Chile*, em 1873. Grifos meus

¹⁶ Segundo Perrot e Fraisse, a maternidade foi sobrevalorizada no século XIX. FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Op. cit. p. 14.

¹⁷ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Alicante*, tomo I.



refere à Rainha Isabel como um exemplo; em suas palavras foi ela que moralizou e adoçou os costumes espanhóis.¹⁸

A maternidade como índole natural; a beleza moral relacionada ao tipo ideal de mãe; a integridade de caráter, pudor e responsabilidade como necessária na educação da família; sacrifício do melhor da vida pelos filhos; decadência feminina e conseqüente declínio do homem e da sociedade; obrigação no ensino do amor pátrio à família e responsabilidade para com o progresso, equilíbrio da nação, salvação da pátria e da sociedade, são concepções comuns em quase todos os autores.¹⁹ Juan Valera, literato ordinariamente referenciado nos estudos e artigos sobre a estética *costumbrista*, resume o pensamento que se tem sobre a mulher no século XIX. Relata que houve uma transformação na essência dos tipos, tirando-as da condição de objetos e possibilitando a elas maior visibilidade. Dessa forma, mudou o sentido de “ser mulher” para o de ser mãe, educadora e redentora da sociedade, num movimento rumo ao desenvolvimento e progresso das nações.²⁰

Amós de Escalante menciona o instinto maternal *de la mujer de Santander* apresentando-a como fonte fecunda de amor e inspiração e infere, em sua narrativa, o imbricamento entre maternidade e pátria. José Muñoz Gavira y Maldonado, referindo-se ao cristianismo como redentor da mulher, assim constrói a sua imagem: se o homem foi induzido ao pecado por Eva, Maria trouxe-lhe a salvação, oferecendo-lhe uma nova simbologia, positiva. A mulher passou, a partir daí, a representar o olho, a voz, o sorriso, o coração, a força, a beleza e a esperança e, como esposa, o amor e a alma da casa. Em suas palavras, “*lo que el hombre adquiere, la mujer lo conserva, porque lo ama; lo que el hombre construye, lo adorna, lo embellece, porque la ama; cuando el hombre castiga, ella, siempre fiel á su misión de ternura y de amor, perdona.*”²¹ Gavira y Maldonado vai além, dizendo ser a glória da Espanha fruto da obra de mulheres, como a da Rainha Isabel e de outras. As mesmas idéias definindo Eva como perdição e Maria como reabilitação e salvação do homem no presente, aparecem no texto sobre *La mujer de Toledo*, escrito por Abdón de Paz. Em sua composição, relaciona maternidade e religião: “*¡Felices las madres que enseñan á sus hijos á cuidar del desarrollo de los intereses materiales, sin olvidarse de la religión! (...) Felices los pueblos que trabajan y reza*”²². Define como lema da alma da mulher a tríade religião, pátria e

¹⁸ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Badajoz*, Tomo I.

¹⁹ Tais noções podem ser encontradas em *La mujer de Barcelona, La mujer de Cuenca, La mujer de Cáceres, La mujer de Vizcaya, La mujer de las Canarias e La mujer de Ciudad Real*, na coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

²⁰ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Córdoba*, tomo I.

²¹ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Teruel*, p. 414, tomo II.

²² *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Toledo*, p. 439, Tomo II.



liberdade, vinculando o sentimento patriótico a atributos femininos como a paciência e a obediência.

Emilio Castelar, além de último presidente da primeira república espanhola, também se configura em autor *costumbrista* comumente citado por estudiosos do tema e colaborador da coleção *Las mujeres españolas...* São suas as palavras que fecham o volume de textos sobre a Espanha. Retoma a Virgem mãe como símbolo religioso, ideal feminino de ternura, delicadeza, misericórdia, bondade, poesia, inspiração, adoração, virgindade e maternidade. Defere à mulher a referência de amor e, em função disto, sua ligação com a pátria. Explica que estas mulheres amam e sustentam a pátria e os louros pela existência de heróis cabem somente a elas: “*Pues si amáis la patria, deben aparecer á vuestros ojos (...) las mujeres de Zaragoza sosteniendo nuestra idolatrada España. ¡Benditas sean!*”²³

Tomando por base as noções presentes nas narrações dos literatos, percebe-se que a opção temática desta coleção pelo feminino é bastante significativa. A figura da mulher como referencial simbólico está ligada ao criacionismo por gerar, cuidar, proteger e zelar pelo crescimento, funções tidas como inerentes à mulher e mãe. Para isso, utilizou-se de ícones femininos como catalisadores desses novos indivíduos que contribuam para a elaboração de novos significados e sentidos aos espaços nacionais. Numa perspectiva historiográfica, mulheres foram evocadas por entidades políticas, transformadas em objetos estéticos, emblemas de posicionamentos ideológicos, signos de mudança, transformação e progresso, entre outros significados.²⁴ Segundo Stéphane Michaud, “nunca se falou tanto das mulheres como no século XIX”.²⁵

Bibliografia

AGUADO HICÓN, Ana Maria et.al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Madrid: Ediciones Cátedra, SA, 1994.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. La mujer en el pensamiento latinoamericano del siglo XIX. In: SAMARA, Eni Mesquita (org.). **As idéias e os números do gênero**: Argentina, Brasil e Chile no século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, CEDHAL/FFLCH-USP, Fundação Vitae, 1997.

²³ *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Zaragoza*, p. 541, Tomo II.

²⁴ Têm-se como exemplo nações e instituições políticas que se auto-representaram visualmente através de ícones femininos como *Marianne* para figurar a República Francesa, *Columbia* que simbolizou os Estados Unidos, *Germania* a Alemanha e *Britannia* a Inglaterra.

²⁵ MICHAUD, Stéphane. *Idolatrias: representações artísticas e literárias*. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991. 4º Vol. p. 145.



FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991. 4º Vol.

GUIJARRO, Miguel (editor). Las Mujeres españolas, portuguesas y americanas. Madrid imprenta y librer

MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991. 4º Vol.